

O Brasil revelador e o exílio ambíguo em *L'Herbe à brûler* (C. Detrez) e *La Salamandre* (J.-Ch. Rufin)¹

José Domingues de Almeida
FLUP – ILCML

Uma leitura atenta ao esquema diegético dos romances (auto) ficcionais do romancista belga naturalizado francês Conrad Detrez, *L'Herbe à brûler*, e do romancista francês Jean-Christophe Rufin, *La Salamandre*, permite salientar, em dois momentos históricos distintos, representações do Brasil enquanto espaço iniciático e de tomada ou perda de consciência da realidade, dando a ver a viagem, e inclusive o exílio, nesse país de forma ambígua, marcada pelo fracasso ou pelo drama, mas sempre por uma transformação radical e decisiva. 677

À semelhança do autor, Conrad, o narrador e personagem principal de *L'Herbe à brûler*, deixa a Bélgica, não sem primeiro despedir-se do seu “grand paysage” natal, o da infância. O professor primário de Roclenghe havia de revelar uma recordação comovente. Detrez viera explicar-lhe “pourquoi il abandonnait la prêtrise et allait au Brésil alphabétiser les pauvres”.² As verdadeiras razões desta decisão, Detrez só as havia de desvendar verdadeiramente na trilogia autoficcional à guisa de introspeção e de recapitulação.

1 Este artigo é desenvolvido e financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Estratégico “UID/ELT/00500/2013” e por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE “POCI-01-0145-FEDER-007339”

² “Roclenghe: la plaque du pont Conrad Detrez...”, *La Meuse*, 21 de maio 1987 (editorial).

Em 1962, Conrad Detrez desembarca no Brasil. O país vive na instabilidade sob o regime de João Goulart (1961-64), embora este presidente tenha tentado algumas reformas sociais e democráticas. Esses distúrbios e outras derivas políticas valer-lhe-ão ser derrubado à boa maneira sul-americana, por um golpe de Estado militar orquestrado pelos Estados-Unidos em 1964. *L'Herbe à brûler* descreve o desembarque de um jovem valão nesse Brasil exótico, tórrido, imprevisível e em plena ebulição: “(...) dockers et porteurs refusaient de monter à bord, la grève était générale, elle durerait jusqu'au lendemain matin; chacun n'avait qu'à emporter avec lui ce qu'il pouvait. 'Ces sales communistes!' entendis-je grommeler (...)”.³

678 Rapidamente, Detrez fraterniza com a “esquerda cristã”, os movimentos operários e estudantis cristãos e a tendência política – muitas vezes (cripto)marxista da Igreja Católica –, a que apoiará as teses polêmicas da teologia da libertação, e que estará na origem das comunidades eclesiais de base. A esse respeito, Frei Betto regressa com alguma cumplicidade ao primeiro período da estada de Detrez no Brasil: “(...) [il] travaillait comme militant à la JOC internationale à Rio de Janeiro où j'[Frei Betto] étais dirigeant de la JEC”.⁴ Em 1963, Detrez milita no seio do Movimento de Ação Popular (MAP), primeiro embrião de um partido cristão de esquerda, e extensão política da JOC. Vai assim pondo à prova os projetos e rascunhos da regra de um apostolado laico. Aos vinte e dois anos, sente-se eufórico: “Je vivais dans un état de pieux émerveillement et dressait le bilan spirituel de ma vie: j'étais né pour l'amour de Dieu et des hommes, j'étais un mystique d'un genre nouveau (...)”.⁵ Contudo, o contexto exuberante, mestiço e desregrado do Brasil havia de rapidamente deitar por terra este projeto casto e ingênuo de vida ascética. A rea-

³ Conrad Detrez, *L'Herbe à brûler*, Paris, Calmann-Lévy, 1978: 97.

⁴ Frei Betto, “Souvenirs d'un ami de Detrez au Brésil”, *TOUDI. Culture et société*, n° 2, 1988: 266.

⁵ Conrad Detrez, *L'Herbe à brûler*: 110.

lidade local, seus ritmos e cultos haviam de, literalmente, “devorar” o jovem belga, esmagá-lo. Detrez não está com rodeios. Aplica ao seu “renascimento” tropical as categorias batismais da teologia de Lovaina: “Je suis né en 1937 au pays de Liège. Une deuxième vie a surgi et a bouleversé la première, en 1963, à Rio de Janeiro. Dans le premier temps, je fus villageois, de race wallonne, de religion catholique et de langue française. Dans le second, je devins banlieusard, d’appartenance carioque et de langue portugaise (...)”.⁶

O que o fascina, é esse Brasil mestiço, popular, “mais africano que europeu”. Aliás, Frei Betto lembra o papel essencial desempenhado por Detrez na divulgação da “negritude”, um conceito politicamente perigoso e embaraçoso na “segunda nação negra do mundo”, pois, confessa, “son cœur était noir”.⁷ Com efeito, *a posteriori*, Detrez havia de ver na emancipação da condição dos negros uma oportunidade e um projeto para a numerosa população negra brasileira, embora essa reivindicação – expressa numa época pós-moderna e politicamente correta – faz, em certa medida, esquecer a urgência de uma qualquer revolução: “Comme pour Beatriz, la négritude confère à sa vie un sens”,⁸ havia de admitir mais tarde.

679

Mas voltemos atrás. A 2 de abril de 1964, o golpe de Estado militar derruba o regime bastante democrático de João Goulart, e impõe uma ditadura militar apoiada pelos Estados-Unidos através do general Castello Branco. Em *L’Herbe à brûler*, Detrez alude ao exílio do presidente deposto: “L’ancien magistrat suprême et sa femme s’envolèrent en pyjama pour l’exil”.⁹ Doravante, a história havia de se tornar mais trágica. Os vários movimentos progressistas

⁶ Conrad Detrez, *Les Noms de la Tribu*, Paris, Seuil, 1981: 36. É forçoso reparar que é igualmente pelo acesso à competência linguística que, em *La Salamandre*, Catherine se acultura ao Brasil. Cf. Jean-Christophe Rufin, *La Salamandre*, Paris, Gallimard, 2005: 61 et 111.

⁷ Frei Betto, “Souvenirs d’un ami de Detrez au Brésil”: 266.

⁸ Conrad Detrez, *Les Noms de la Tribu*: 35.

⁹ Conrad Detrez, *L’Herbe à brûler*: 128.

entram na clandestinidade e na resistência armada, muitas vezes mais pelo lado marxista que leninista. O MDB (Movimento Democrático Brasileiro) – movimento de resistência fundado pelo mítico guerrilheiro Carlos Marighella – ganha terreno e organiza-se em células de base infiltradas a todos os níveis da sociedade, ao passo que o descontentamento popular suscitado pelo regime ditatorial vai crescendo.

Conrad Detrez alista-se nas fileiras da oposição clandestina dirigida por Marighella. A descrição da resistência, em que o narrador desempenha o papel de *partisan* estrangeiro infiltrado, ocupa precisamente boa parte da narrativa de *L'Herbe à brûler*. Este romance reproduz fielmente a militância clandestina de Detrez num Brasil onde reinam a cumplicidade e o perigo: os panfletos, as reuniões secretas, os transportes de armas, os assaltos a bancos e casernas, os raptos de personalidades ligadas ao regime ditatorial, até à sua detenção pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), a tortura e a expulsão do país.

Detrez tem a sensação de viver uma epopeia de um tipo novo, excitante e perigoso. Torna-se justiceiro no seio de uma sociedade iníqua e corrupta: “Nous étions en fait des anarchistes chrétiens. Nous vécûmes dans l’illusion lyrique pendant un an”.¹⁰ As personagens e militantes deste romance são muitas vezes nomes fictícios de companheiros de luta ou de guerrilheiros com os quais Detrez conviveu nessa época terrível; todos eles admiradores de Fidel Castro e de Che Guevara, todos sob o comando de Carlos Marighella, e cujos verdadeiros nomes o narrador achou por bem manter. Assumem as características de mártires de uma religião nova e emergente. São eles: Maura, Teresa, Rogério, Romando, Regina, Beatriz (que empresta as suas características à personagem de Sônia em *L'Herbe à brûler*), Fernando, etc.

¹⁰ Conrad Detrez, *Les Noms de la Tribu*: 29.

Para Detrez, este período de “guerrilha urbana” também se torna a ocasião de adotar todas as riquezas culturais do exuberante Brasil, de fazer sua essa mestiçagem étnica, de deixar-se “devorar” pelos seus cultos africanos e pagãos, de integrar o seu carnaval sensual e desregrado, de confrontar incessantemente o novo *aqui* tropical e exótico com o *lá* das suas origens na Valónia.¹¹ Ele, o seminarista de Saint-Trond (Saint-Trudon, Saint-Rémy); ele, o estudante casto de Lovaina, ei-lo iniciado nos ritos afro-brasileiros: “(...) je suis un fils d’Ogum-des-Sept-Epées, l’orisha impétueux, esprit de la guerre et du feu (...)”.¹² Passou por “fechamentos de corpo” aos espíritos maus, ritos de purificação: frequentou pais de santo e mães de santo.

O período do carnaval carioca, com seu desregramento dos sentidos, a reabilitação dos baixos instintos, o gosto intenso pelo caos, farão a transição entre esses dois universos densos em emoções e coloridos: os deuses e o sexo. Em poucos meses, o ambiente popular brasileiro destrói duas décadas de educação católica recebida na serena, mas enfadonha Bélgica. Essa evolução pessoal ou esse “batismo” cultural, cultural e sexual, Conrad Detrez o descreveu extensamente em *L’Herbe à brûler*, romance nitidamente iniciático.¹³ Conrad, o narrador autodiegético, perde a virgindade numa favela de Volta-Redonda às mãos de Dona Josefa, sacristã que sonha em tornar-se padre, sacerdotisa de um culto patológico: “Tel fut mon dépuelage: un coït turbulent, difficile à pratiquer dans cette caisse mal assurée, un mauvais moment”.¹⁴

Contudo, esse passo em falso revelar-se-ia um aperitivo para uma mais vasta descoberta, uma capitulação mais intensa e voluptuosa. Ao som do samba, enfeitado pelos ritmos afro-brasileiros,

¹¹ *Ibid.*: 36.

¹² *Ibid.*: 88.

¹³ Xavier Garnier, “À quoi reconnaît-on un récit initiatique ?”, *Poétique*, 2004/4 (n° 140): 443-54.

¹⁴ Conrad Detrez, *L’Herbe à brûler*: 105.

o narrador fica a saber às suas custas o quanto “pendant le carnaval on fait ce qu’on veut”,¹⁵ e que “l’amour [fait] mal”.¹⁶

Eis que uma jovem o atrai, o chupa, lhe extirpa do corpo casto e clerical “un plaisir insupportable et délicieux, une douleur indicible mais bonne”,¹⁷ que outra se lhe oferece na praia¹⁸ antes de ele penetrar, por inadvertência, uma velha deitada na areia de Copacabana.¹⁹ Conrad julga-se vítima de um culto orgíaco que o ultrapassa, o destrói: “Tout le carnaval m’avait envoûté. On avait abusé de moi”.²⁰ Nem por isso perdeu os antigos reflexos ascéticos: “Le remords me tenaillait, mon âme se tordait”.²¹

682 Contudo, o seu suplício não acabou. Ainda tem de experimentar a orgia homossexual, cujo desejo apenas estava latente, mas que teima agora em manifestar-se. A loucura carnavalesca leva-o até ao jovem negro, Fernando, também ele “apóstolo laico” das favelas do Rio, a cuja perversa e aberrante confraria ele aderiu: “Nous sommes tombés à genoux l’un devant l’autre, toujours enlacés, mouillés, baignant dans sa puissante odeur de nègre, et on s’est regardé”.²² Ora esse Fernando assemelha-se em tudo a essa “personne de race noire, elle-même éduquée dans la religion umbanda” que convertera Detrez a essa cultura afro-brasileira”.²³ Alguns anos mais tarde, Detrez ficaria a saber que esse tal Fernando havia, em contexto pós-moderno, “retrouvé la religion de ses ancêtres”.²⁴

¹⁵ *Ibid.*: 115.

¹⁶ *Ibid.*: 86.

¹⁷ *Ibid.*: 118.

¹⁸ *Ibid.*: 119.

¹⁹ *Ibid.*: 120.

²⁰ *Ibid.*: 121.

²¹ *Ibid.*: 120.

²² *Ibid.*: 122.

²³ Conrad Detrez, “Dévoré par le Brésil”, *Le Magazine Littéraire*, setembro de 1982.

²⁴ Conrad Detrez, *Les Noms de la Tribu*: 35.

Este ambiente festivo intermitente não pode fazer esquecer a gravidade da situação política e a dureza da militância do guerrilheiro. As operações armadas vão-se intensificando em resposta ao endurecimento do regime militar. A pedido de Carlos Marighella, Detrez traduz para francês o *Manual prático do guerrilheiro urbano* em que se haviam de inspirar os grupos terroristas europeus nos anos setenta para as suas ações clandestinas. Em fevereiro de 1967, talvez vítima de traição no seio da organização, Detrez é preso no Rio de Janeiro pelo DOPS, a polícia política do regime militar.

Dado o clima de endurecimento da ditadura e as suspeitas do DOPS, a Organização atribui uma identidade falsa a Detrez, e ao Conrad de *L'Herbe à brûler*. Chamar-se-á Domingué; o que nem por isso evitou as suspeitas da polícia: “Domingué, ça fait portugais, très portugais! Mais avec ces yeux bleus...”²⁵ De volta ao Brasil depois de amnistiado, Detrez ainda receia ser apanhado pelo passado: “En bon agitateur, n'est-ce pas, Senhor Domingues?”, va peut-être me lancer, ironique, mon interrogateur”²⁶

683

Aquando do primeiro interrogatório, e antes das torturas, o DOPS conseguirá acabar com essa astúcia de guerrilheiro, impondo-lhe o seu verdadeiro nome – dura recordação da sua *belgitude*, evocação do pai, negação ou amputação – tanto faz – da sua condição exótica: “Tout à coup on crie mon nom, le vrai, celui de mon père”²⁷. Escapando a torturas adicionais por intermédio da embaixada da Bélgica, para a qual este energúmeno acaba por ser embaraçoso, Detrez é expulso do Brasil. Suposto regressar a uma Bélgica que, à primeira vista, já pouco lhe diz, instala-se um pouco involuntariamente em Paris, em 1968.

De facto, Fernando e o carnaval do Rio abriram o narrador para a realidade da mestiçagem e da diversidade enquanto valores

²⁵ Conrad Detrez, *L'Herbe à brûler*: 188.

²⁶ Conrad Detrez, *Les Noms de la Tribu*: 10.

²⁷ Conrad Detrez, *L'Herbe à brûler*: 190.

positivos do *outro lugar*, inconciliáveis com o insustentável vazio do *aqui*. Assim, pois, a estraneidade e o exotismo, em vez de suscitem um sentimento de repulsa ou de reserva – esse mesmo que Detrez atribuía à sua Bélgica natal e rural – apontam para um convite ao devaneio, ao exílio e à diferença. Ser belga será, antes de mais, confessar um estatuto de “apátrida mental”,²⁸ natural de um país irreal, de um *nada* inconfessável. A fuga, e depois o exílio, impõem-se sucessivamente para reforçar ainda mais a dialética do *lá* atraente, inclusive fascinante, marcado pela cor, e o *aqui* pálido.

Em *L’Herbe à brûler*, Rodrigo ilustra essa dicotomia e devolve-nos, por meio do olhar do *outro*, uma imagem insípida, monótona e pálida da realidade europeia, belga e branca. Logo, a tez morena e a exuberância de que Rodrigo (o *outro*) é detentor repercutem-se na argumentação do seu discurso político. O Brasil está repleto de vida e de problemas que suscitem todos os *engagements*, ao passo que a Bélgica e a velha Europa surgem monótonas e apáticas. É o que ilustra o argumentário político do estudante brasileiro: “Là-bas aucun prêtre ne peut l’éviter, les enjeux de l’Église sont toujours des enjeux politiques”;²⁹ “Chez lui, on se divise sur des choses plus graves (...)”;³⁰ “Ton Europe, elle n’a rien à voir avec mon rêve (...)”;³¹ “L’Europe, pour moi, c’était des noms d’auteurs”;³² “Il disait ‘ton’ Europe comme si je vivais en plein dedans”;³³ “Je veux dire chez nous, en Amérique du Sud. Là on se bat pour des questions décisives (...)”.³⁴

Se a Bélgica não passa de uma parcela insignificante do Velho Continente, anquilosada pelo ambiente confortável do seu bem-estar e de sua segurança, e em que a revolução se afigura improvável, já

²⁸ Conrad Detrez, *La Mélancolie du voyeur*, Paris, Denoël, 1986: 94.

²⁹ Conrad Detrez, *L’Herbe à brûler*: 61.

³⁰ *Ibid.*: 60.

³¹ *Ibid.*: 64.

³² *Idem.*

³³ *Idem.*

³⁴ *Ibid.*: 83.

o Brasil, pelo contrário, encarna a abertura dialética da História, a esperança em todos os progressos e em todos os comprometimentos políticos. A esse respeito, Conrad representa a inconsciência crítica e política: “Je suis mal, la politique ne m’intéresse pas et d’ailleurs je n’y comprends rien”.³⁵ Mas, uma vez iniciado à militância no Terceiro Mundo, Lovaina – substituto metonímico da Bélgica – torna-se num lugar que se procura abandonar e que não deixa saudades: “J’ai quitté Louvain comme on quitte, recrú d’air vicié, un W.-C. public”.³⁶

Como se vê, o texto constrói-se a partir de um esquema narrativo que aponta também para o romance de aprendizagem:³⁷ fascínio pelo Brasil, representações do Brasil, estada inicial entusiasmada, aculturação (nomeadamente pelo acesso à língua e aos ritmos), descoberta actancial de um amigo/amante exótico, oriundo das camadas pobres, contratempos/deceções/problemas, mediação diplomática (embaixada com vista ao repatriamento), e regresso ao Brasil ou relação positiva, mas serena com esse país. A isso acrescentam o empenhamento (religioso ou humanitário) do escritor, uma carreira diplomática; isto é a inscrição na tradição dos escritores-diplomatas.³⁸

685

Ora todo este esquema narrativo regressa noutra romance com temática brasileira pela mão de Jean-Christophe Rufin, o qual já publicara *Rouge Brésil*;³⁹ desta feita com *La Salamandre*.⁴⁰ O escritor envolvido nas ONG, nas causas humanitárias, na geopolítica e na diplomacia interessa-se de novo pelo Brasil. Com efeito,

³⁵ *Ibid.*: 61.

³⁶ *Ibid.*: 95.

³⁷ Philippe Chardin (dir), *Roman de formation, roman d’éducation dans la littérature française et dans les littératures étrangères*, Paris, Kimé, 2007.

³⁸ http://www.lefigaro.fr/lefigaromagazine/2007/06/29/01006-20070629ART-MAG90560-la_longue_tradition_des_ecrivains_diplomates.php [Acedido a 13/11/2017].

³⁹ Jean-Christophe Rufin, *Rouge Brésil*, Paris, Gallimard, 2001.

⁴⁰ Jean-Christophe Rufin, *La Salamandre*, Paris, Gallimard, 2005.

Catherine, uma parisiense de quarenta e seis anos, de férias durante três semanas em casa de um casal de amigos, conhece Gil, um jovem autóctone oriundo das favelas. Daí resulta um caso amoroso que a vai deixar de cabeça perdida, transformá-la em mulher submissa. Assim que se sente já sem vínculos em França, vende todos os bens e instala-se definitivamente no Brasil para viver uma paixão desastrosa e sórdida com esse jovem amante mulato. Ei-la subjugada, despojada de tudo e reduzida a um corpo violentado e de que o amante se aproveita.

686 Dois elementos definem o cenário da narrativa sob a forma de premonição do desastre:⁴¹ o *incipit*, que apresenta o Brasil como sendo ambíguo, potencialmente dramático “un lieu de tragédie” e não só de “délices”⁴² e, por outro lado, o motivo da “salamandra”, batráquio miticamente resistente ao fogo; o que prenuncia as queimaduras e a desfiguração infligidas por Gil: “(...) il saisit le réchaud à essence et en vida le réservoir sur Catherine”.⁴³ Ora, essa completa falta de autoestima explica-se, mediante analepses interpostas na narrativa, por uma infância francesa monótona, banal,⁴⁴ sem recordações, numa aldeia chamada Perche;⁴⁵ um pai colaborador durante a Segunda Guerra,⁴⁶ um casamento falhado, um primeiro emprego que a acorrentava a “cette misère molle”,⁴⁷ associada à figura do rato,⁴⁸ e pais de que não sente saudades, sem que o consiga explicar: “Il se mit à pleuvoir sur le cimetière et les croque-morts laissant filer les cordes mouillées déposèrent rudement le cercueil femelle sur le cercueil mâle qui l’avait fécondée. Elle pensa que c’est

⁴¹ *Ibid.*: 20, 35.

⁴² *Ibid.*: 9-10.

⁴³ *Ibid.*: 167.

⁴⁴ *Ibid.*: 55.

⁴⁵ *Ibid.*: 53.

⁴⁶ *Ibid.*: 54.

⁴⁷ *Ibid.*: 57.

⁴⁸ *Idem.*

une bien grande douleur que de ne pas aimer ses parents, qu'ainsi on ne peut espérer l'amour ni des autres ni de soi-même".⁴⁹ Com efeito, o campo semântico premonitório do *fogo*, miticamente associado à *salamandra*, anunciava subtilmente esse desfecho: "Le feu est la providence du voyageur".⁵⁰

Tal como anteriormente, em *L'Herbe à brûler*, a viagem ao Brasil torna-se na ocasião de estabelecer uma dicotomia radical entre o *aqui* europeu insuportável e o *lá* exótico atraente brasileiro. A esse respeito, Rita Olivieri-Godet destaca o facto de esse autor (entre outros) ter por objetivo evitar, e inclusive desconstruir este-reótipos acerca do Brasil: "Dégagés d'une vision ethnocentriste et de l'idéal civilisateur, ces écrivains se sentent investis d'une conscience ethno-anthropologique qui les pousse à vouloir faire comprendre et interpréter le plus justement possible les multiples détails de la culture brésilienne".⁵¹ Alguns dias de estada no Brasil bastaram para cavar um fosso cultural intransponível, assinalado pelo regresso provisório de Catherine à França para livrar-se de todos os bens e despedir-se do emprego. Com efeito, "Dans les couloirs humides de l'aéroport, Catherine a dévisagé la foule pâle qui parle français".⁵² Já sente saudades do sol brasileiro;⁵³ o que a confronta com sua nova *estranheidade* no próprio país, em França.

687

Na verdade, as representações do Brasil operam-se a partir das diferenças climáticas: "On était dimanche. La ville était déserte. La population entière se rassemblait sur la plage. En arrivant au

⁴⁹ *Ibid.*: 59.

⁵⁰ *Ibid.*: 13.

⁵¹ Rita Olivieri-Godet, "Le Brésil dans l'imaginaire littéraire français actuel: images de la latinité et du métissage", *Revue Silène*, Centre de recherches en littérature et poétique comparées de Paris Ouest-Nanterre-La Défense, 2011, http://www.revue-silene.com/f/index.php?sp=comm&comm_id=79 [Acedido a 2/10/17].

⁵² *Ibid.*: 103.

⁵³ *Idem.*

bord de l'eau, Catherine eut une sensation de panique: tout était absolument excessif. Le soleil, déjà haut lançait des paquets de chaleur qui raclaient la peau” ;⁵⁴ mas também vegetais: “Puis là la campagne arrivait doucement, annoncée par la présence en plus grand nombre de bananiers et de flamboyants” ;⁵⁵ “ce bois rouge qui paraît luxueux aux étrangers” .⁵⁶

De novo, tal como em *L'Herbe à brûler*, os vários clichés exóticos, inclusive idílicos do Brasil proporcionam representações que se referem à pobreza e à miséria das favelas donde Gil é oriundo, e que geram a desconfiança do casal que hospeda Catherine: “C'est le Brésil, conclut Richard avec un sourire un peu pensif, un peu méprisant aussi. Des chirurgiens formés aux dernières techniques et des types dans la rue qui tueraient un aveugle pour dix dollars...” ;⁵⁷ para acrescentar mais tarde: “Les gens sont proches de la nature, ici. Ce sont des sauvages, dans leur genre!” .⁵⁸

688 Essa visão matizada do Brasil encontra-se veiculada por esses expatriados no Recife que acolhem Catherine e que, à semelhança dos serviços consulares franceses locais, se tornarão adjuvantes informados da infeliz heroína: “Il [le consul] savait combien les touristes sont vulnérables dans ce pays (...). [il] pensait demander au Quai d'Orsay l'autorisation de faire imprimer une petite brochure mettant en garde contre les dangers de cette ville et décrivant les principaux pièges” .⁵⁹ Lembremos que em *L'Herbe à brûler* de Conrad Detrez, os serviços diplomáticos da Bélgica tiraram o jovem militante político da prisão e de um mau momento num país considerado perigoso e hostil.

⁵⁴ *Ibid.*: 23, 109.

⁵⁵ *Ibid.*: 63.

⁵⁶ *Ibid.*: 97.

⁵⁷ *Ibid.*: 27.

⁵⁸ *Ibid.*: 29.

⁵⁹ *Ibid.*: 175.

Mas é enquanto romances marcados por uma aprendizagem – contrariada no fim pela própria ambiguidade do Brasil – que estas duas narrativas se assemelham, e ainda mais sob o efeito fascinante e transformador do *carnaval*. Se o carnaval carioca tinha completamente transformado o Conrad de *L’Herbe à brûler*, o de Recife e Olinda⁶⁰ não lhe fica atrás. Cada vez mais abandonada e humilhada, embora subjugada por Gil, Catherine integra-se aos festejos carnavalescos vitalistas para melhor esquecer-se de si e fundir-se no contexto tropical. Tal como em Detrez, a longa sequência narrativa carnavalesca vai dando conta de uma lenta, mas profunda mutação da personalidade, da sua *des-europeização* em suma, e da aquisição de uma nova identidade, mesmo que doentia: “Le carnaval approchait”,⁶¹ “Dans cette irrépressible montée aux extrêmes de l’intensité sonore qui caractérise le carnaval (...)”,⁶² “Elle avait profondément besoin de fête, car elle n’est pas seulement divertissement mais élan tragique, fusion de l’être avec la multitude”,⁶³ “Quatre jours durant, Catherine mêla sa solitude à l’immense foule du carnaval”, “Elle se mêla aux centaines de Noirs en robe blanche qui frappent deux coques de métal qu’ils appellent *agogô*, sur un rythme usant de mélancolie”,⁶⁴ “Dans une rue, elle vit un homme en poignarder un autre. Puis elle s’enfuit et elle fit de même. Le rythme de la musique l’habitait, surtout le hoquet du *frevo*, parfois, comme un repos, le tressautement d’une samba”,⁶⁵ “C’était enfin le mercredi. Le carnaval était terminé”.⁶⁶

689

Também aqui, à semelhança de *L’Herbe à brûler*, o carnaval metaforiza e faz culminar um processo iniciático latente e malsão

⁶⁰ *Ibid.*: 138.

⁶¹ *Idem.*

⁶² *Ibid.*: 155.

⁶³ *Ibid.*: 156.

⁶⁴ *Ibid.*: 158.

⁶⁵ *Ibid.*: 160.

⁶⁶ *Ibid.*: 163.

desde a chegada ao Brasil, fundado numa impressão enganadora de liberdade,⁶⁷ “Catherine se méprisait d’avoir tenu jadis tous ces propos ineptes sur l’indépendance quand pour elle aujourd’hui la liberté véritable c’était au contraire de dépendre de la satisfaction de Gil”.⁶⁸ Cada vez mais submissa ao seu gigolô, enfeitada e inconsciente de todos os perigos, “(...) elle découvrirait ce pays, une vraie vie (...)”,⁶⁹ a qual havia de revelar-se aviltante e violenta.⁷⁰

Se, no Brasil, Catherine julga ter encontrado “l’amour pur”⁷¹ e sentir-se finalmente capaz de apagar a sua identidade e o seu passado francês: “Catherine ne songeait même plus que l’eau pût la séparer d’un ailleurs, encore moins que cet ailleurs eût été autrefois chez elle”,⁷² esse sentimento não passa de um terrível logro que o fogo, as queimaduras e a desfiguração mal poderão atenuar. A infeliz heroína, impassível e resignada, retomará a gestão de uma barraquinha na mesma praia onde Gil a seduzira. Desta forma, Catherine revela-se “salamandra”, o tal animal mítico resiliente. Note-se que em Detrez,⁶⁹⁰ o semantismo do fogo já estava bem presente pois que, no título, a erva se destina a ser queimada.

Essas representações dão conta de um Brasil ambíguo, terra de *fogo*; esse *brasil* incandescente mostra-se atraente, mas potencialmente trágico, inclusive mortal. O fogo purifica e revela plenamente o ser nas suas contradições. Tal como o calor, ele expõe-no e mostra-o a si mesmo, mas ninguém sai ileso.

⁶⁷ *Ibid.*: 66.

⁶⁸ *Ibid.*: 75.

⁶⁹ *Ibid.*: 83.

⁷⁰ *Ibid.*: 134, 150.

⁷¹ *Ibid.*: 182.

⁷² *Ibid.*: 198.